

maré alta

paisagens, pessoas, memórias.

Davis Pereira de Paula

Ed UECE

LGCO
Laboratório de Geologia e Geomorfologia Costeira e Oceânica

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ
UECE

maré alta

paisagens, pessoas, memórias.

LGCO Laboratório de Geologia e Geomorfologia Costeira e Oceânica

Ed UECE

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ UECE

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ

REITOR
Hidelbrando dos Santos Soares

VICE-REITOR
Dárcio Ítalo Alves Teixeira

EDITORA DA UECE
Cleudene de Oliveira Aragão

CONSELHO EDITORIAL
Ana Carolina Costa Pereira
Ana Cristina de Moraes
André Lima Sousa
Antonio Rodrigues Ferreira Júnior
Daniele Alves Ferreira
Fagner Cavalcante Patrocínio dos Santos
Germana Costa Paixão
Heraldo Simões Ferreira
Jamili Silva Fialho
Lia Pinheiro Barbosa
Maria do Socorro Pinheiro
Paula Bittencourt Vago
Sandra Maria Gadelha de Carvalho
Sarah Maria Forte Diogo
Vicente Thiago Freire Brazil

maré alta

paisagens, pessoas, memórias.

Davis Pereira de Paula

1ª Edição | Fortaleza - Ceará | 2026

Maré alta: paisagens, pessoas e memórias

©2026 Copyright by

Davis Pereira de Paula

Impresso no Brasil / Printed in Brazil
Efetuado Depósito Legal na Biblioteca Nacional

Coordenação Editorial
Cleudene de Oliveira Aragão
Nayana Pessoa

Diagramação
Camilla Isabela Fortunato Silva
Lucas Maalaeel

Capa
Lucas Maalaeel Sousa Santos

Foto da Capa
Andrey Gomes Sindeaux

Fotografias do Livro
Andrey Gomes Sindeaux

Acervo do Laboratório de Geologia e Geomorfologia Costeira e Oceânica

Revisão de Texto
Sandra Faria de Resende Nascimento

Revisão de Coerência
Josiany Melo Negreiros

Editora da Universidade Estadual do Ceará – EdUECE
Av. Dr. Silas Munguba, 1700 – Campus do Itaperi – Reitoria – Fortaleza – Ceará
CEP: 60714-903 – Tel: (085) 3101-9893
www.uece.br/eduece – E-mail: eduece@uece.br

Editora filiada à
ABEU
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS EDITORAS UNIVERSITÁRIAS

SUMÁRIO

06 SOBRE O **AUTOR**

07 **PREFÁCIO**

10 ENTRE O EXEMPLO **E O AFETO**

12 **APRESENTAÇÃO**

16 ANTES DA **MARÉ ALTA**

19 PARTE I **NOSSAS PRAIAS**

37 PARTE II **O MAR LEVA E TRAZ**

51 PARTE III **MORADAS DE ÁGUAS E SAL**

67 PARTE IV **CHEGUEI. SOU O MAR**

83 PARTE V **Ô DE CASA**

95 PARTE VI **PAISAGENS QUE AFLORAM**

109 PARTE VII **SEM CONHECER OS PRÓPRIOS LIMITES**

126 **GRATIDÃO**

128 **INSPIRAÇÕES**

129 **ATÉ BREVE**

Sobre o autor

Davis de Paula é professor, orientador, pesquisador, colaborador, revisor e coordenador científico de vários projetos. Cearense nascido em Fortaleza, cresceu entre as areias e o mar do Serviluz e da Praia do Futuro, bairros da cidade de Fortaleza, capital do Estado do Ceará. Sua atuação é direcionada aos estudos de Geografia Costeira, com ênfase em gestão costeira e impactos socioambientais ocasionados pelo avanço do mar.

O mar é uma paixão que cultiva desde a infância, quando tentava desvendar os mistérios da subida e descida das marés e sua interferência na vida dos pescadores, dos moradores e, principalmente, no espaço de areia disponível para o futebol com os amigos. Doutor em Ciências do Mar, da Terra e do Ambiente pela Universidade do Algarve, Portugal, é professor universitário desde 2013, quando ingressou no curso de Engenharia Civil da Universidade Estadual Vale do Acaraú. Em 2016, assumiu o cargo de professor adjunto da Universidade Estadual do Ceará, lotado nos cursos de Geografia e na Pós-Graduação em Geografia. Desde 2000, é membro do Laboratório de Geologia e Geomorfologia Costeira e Oceânica (LGCO), onde construiu suas bases científicas. Participou de inúmeras publicações e consolida sua carreira acadêmica como Bolsista de Produtividade do CNPq.

Prefácio

Diz o adágio, e com total propriedade, que "uma imagem vale mais que mil palavras". Palavras, afetos, inquietudes, saberes, hesitações e tantos outros sentimentos que este livro encerra em si mesmo. *"Maré alta: paisagens, pessoas, memórias"* é muito mais que um livro. É uma confidência onde o Autor, num desassombrado gesto de partilha, muito pouco comum na Academia, se expõe através de momentos vividos, recordados e oferecidos através de imagens e palavras; poucas, quanto baste, diria.

E ao expor-se presta tributo a alguém a quem designa de "caminho possível". Aquele que viria a ser seu orientador da tese de doutoramento e, agora, seu Amigo; nosso Amigo. O Professor João Alveirinho Dias constituiu um farol para muitos jovens investigadores que, como ele, eram e são apaixonados pelo mar.

Independentemente das suas formações de base (Humanidades, Ciências Naturais, o que quer que fosse), o Professor empenhava-se num processo inicial de desacreditação dos enlevos dos jovens investigadores e, depois, (ouvi-o inúmeras vezes) ficava com os resistentes, os que apesar de tudo persistiam em continuar porque, dizia, eram esses que valiam a pena.

A teia que a todos nos uniu foi o mar. O mar físico, concreto, e o mar de interrogações e perplexidades que nos eram – e são – colocadas. Só assim se faz Ciência. Com um permanente questionar que, independentemente da compartimentação por áreas científicas que as regras académicas impõem, apela à visão de conjunto e em conjunto, evocando uma real multi, inter e transdisciplinaridade tão propalada, mas tão pouco aplicada e tão difícil de conseguir com sucesso e eficácia.

Conheci o Autor do presente livro nos primeiros anos desta centúria, em Fortaleza. Impressionou-me, desde logo, a sua tenacidade e o aprimorado sentido estético que colocava nas suas apresentações orais e escritas; o seu refinado bom gosto, a que se aliava, obviamente a exigência científica. Esses traços de carácter só se têm aprimorado com o tempo. Prova disso é a presente obra. São necessários um enorme senso de beleza e rigor, bem como uma capacidade pedagógica invulgar para falar, não falando, dizer, sem dizer, ensinar, mostrando. Ah... e coragem!

O presente livro expõe uma coragem inaudita, no qual o Autor oferece muito de si, para lá do Cientista, do Académico, revelando o Ser Humano, o Davis Pereira de Paula. Aqui se revelam simultaneamente e em aparente contradição a sua delicadeza e a sua FORÇA.

Essa força que bebeu do mar que ora leva, ora traz, ora alimenta, ora destrói, ora mata, ora cura.



No que me diz respeito, aprendi imenso com este livro. Como docente e como pessoa. Foi e é um enorme orgulho privar com o Autor e ter a distinta honra de ser chamada a escrever estas linhas. Com ele, tal como Sophia, estou certa de que:

"Quando eu morrer voltarei para buscar
Os instantes que não vivi junto do mar
De todos os cantos do mundo
Amo com um amor mais forte e mais profundo
Aquela praia extasiada e nua
Onde me uni ao mar, ao vento e à lua".

Sophia de Mello Breyner Andresen. Livro Sexto. In: Obra Poética. Lisboa: Caminho, 2003. p. 43.

Porto, 20 de fevereiro de 2026

Maria Rosário Bastos

Fez a sua licenciatura em História e o mestrado em História Medieval na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Em 2006, concluiu o seu doutoramento na Universidade Aberta (Portugal), onde é docente de História no Departamento de Ciências Sociais e de Gestão. Em 1998, obteve o Prémio de História "Vasco de Carvalho" com a sua dissertação de mestrado intitulada "Santa Maria de Oliveira: um domínio monástico de Entre-Douro-e-Minho em finais da Idade Média". Em 2009, a sua dissertação de doutoramento foi agraciada com o Prémio A. de Almeida Fernandes, Grande Prémio de História Medieval, atribuída ao trabalho "O Baixo Vouga em tempos medievos: do preâmbulo da monarquia aos finais do reinado de D. Dinis".

É investigadora integrada do CITCEM-Cento de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória» da Universidade do Porto. É membro da Report(h)a - Rede Portuguesa de História Ambiental, ESHE - European Society for Environmental History e membro fundadora da Rede Internacional de Investigação BRASPOR. É Presidente do Conselho Pedagógico da Universidade Aberta.

Entre o exemplo e o afeto

Ainda nos primeiros anos do século XXI, quando eu era apenas estudante, uma palestra em um evento científico despertou em mim um mar de curiosidades. O título da apresentação era quase irrelevante. O que realmente nos mantinha atentos era a forma como as ideias eram tecidas, um verdadeiro tear de temas que, como as ondas, atravessavam séculos de história, problemas, soluções e inquietações.

Não cabia em compartimentos rígidos. Não obedecia às fronteiras tradicionais da ciência. Era algo maior. Anos depois, compreendi que não era para caber em lugar algum: era uma provocação holística, desafiadora e profundamente humana. Aquela sinfonia de conhecimento tinha nome: João Manuel Alveirinho Dias. Português de nascença, cidadão do mundo por vocação. Geólogo por formação, inovador por natureza. Mestre das palavras, das construções lineares e não lineares, da cultura ampla e da inquietação permanente.

Foi naquela apresentação que me reconheci em outro. Vi ali um caminho possível. Talvez improvável, mas possível. Atravessar o Atlântico e aprender sob sua orientação deixou de ser sonho distante para se tornar decisão concreta.Muitos duvidaram. Ouvi que ele não orientaria mais ninguém. Mas a dúvida alheia serviu apenas como impulso. Escrevi um e-mail simples e sincero, pedindo a oportunidade de amadurecer um doutorado sob sua orientação. A resposta veio rápida. Um “sim” generoso, carregado de respeito por alguém que ele ainda não conhecia pessoalmente.

Foi além-mar que, sob sua orientação, construí novos modos de olhar o mundo. Aprendi a enxergar por prismas inesperados. Aprendi que ser pesquisador é também ser cidadão. Que ciência é inquietação. Que pensamento crítico exige coragem. Tornei-me seu orientando. Depois, discípulo. E, com o tempo, amigo.



Praia do Pirambu, Fortaleza - CE

Amigo de uma fonte inesgotável de sabedoria e inspiração. De um coração forte, formador de pessoas para além da academia. Ao seu redor, uma comunidade vibrante: Óscar Ferreira, Rosário Bastos, Joana Freitas, Rui Taborda, Antonio Klein e tantos outros. Testemunhos vivos de que conhecimento se multiplica quando é partilhado com generosidade e sabedoria.

Este livro carrega muito do que, com ele, aprendi: a inquietação, o olhar amplo, a recusa às caixinhas, a coragem de pensar grande.

Meu querido amigo Alveirinho, este livro também tem sua presença em cada linha escrita e ecoada.

Muito obrigado por tudo!

Apresentação

Maré alta: paisagens, pessoas, memórias
não é apenas um livro de fotografias, tampouco é um livro científico tradicional. Trata-se de uma expressão multissensorial que desperta memórias, provoca sensações e ativa percepções táteis, construídas a partir do olhar de um autor que, há mais de vinte anos, observa o ambiente praial para além de um simples objeto de estudo. Aqui, a praia é entendida como paisagem vivida, atravessada por pessoas, ventos, ondas, areias. Escultura sempre em construção, trazendo as marcas do tempo, dos conflitos, da beleza e até do silêncio.



Maré Alta traduz minha identidade enquanto pessoa curiosa e atenta, para além do pesquisador. Não é uma obra sobre o que tenho a dizer, mas sobre o que tenho a mostrar. É um convite para aguçar sentimentos, provocar olhares e despertar percepções. Inicia no cotidiano vivido como ponto de partida, utiliza a fotografia como linguagem de expressão, tem a curiosidade como fio condutor e encontra na ciência um porto seguro. Não é um espaço de respostas definitivas e imutáveis: sustenta evidências, cultiva métodos, provoca perguntas e possibilita revisões contínuas.

A Terceira Lei de Newton, datada de 1687, estabelece que existe, para toda força de ação, uma força de reação. Partindo dessa ideia, para cada ação fotografada neste livro, há uma intenção e uma expectativa refletidas em múltiplas possibilidades de leitura e em distintas experiências sensoriais.

Danilo Santos de Miranda, no prefácio da obra *Deslocamentos populacionais e novas formas de solidariedade* (2000), acerca das fotografias de Sebastião Salgado, afirma que:

> "Salgado usa a fotografia como uma testemunha ocular que presta contas do mundo. Mas, ao mesmo tempo, do interior desse vasto panorama social, nos aproximamos dos sentimentos individuais de seus personagens, das emoções e das sensibilidades particulares que eles transmitem, melancolia e esperança, medo ou ternura, firmeza ou desalento".

A obra de Sebastião Salgado ecoa mundialmente ao reafirmar a fotografia como memória, testemunho e linguagem do tempo. Em coletiva realizada no Museu da Imagem e do Som (MIS), em São Paulo, durante a exposição sobre a Revolução dos Cravos, em maio de 2024, Salgado destacou que uma boa fotografia conta uma história, e ganha ainda mais força quando compreende o mundo que se busca registrar.

Maré alta representa a intensidade das vivências ao longo do litoral e de suas dinâmicas. É relação, é afeto, é construção de sentido. Nessa jornada de documentação visual, fui acompanhado pelo fotógrafo Andrey Sindeaux, engenheiro metalurgista de formação, que encontrou na fotografia sua principal vocação artística. Em 2025, propus-lhe o desafio de colaborar na construção de algo que eu ainda não sabia exatamente no que se transformaria, mas sobre o qual tinha certeza: contaria uma história por meio de imagens. Este livro percorre o viver à beira-mar — com seus dilemas e desafios — em uma narrativa fotográfica que reúne diferentes olhares





Praia da Redonda, Icapuí - CE

sobre o litoral e as paisagens que o compõem. Inspirado em obras de autores como Carl Sauer, Yi-Fu Tuan, Aziz Nacib Ab'Saber, Denis Cosgrove, Roberto Lobato Corrêa, Otávio José Lemos Costa e João Manuel Alveirinho Dias, a paisagem é apresentada como uma construção subjetiva e cultural, percebida e vivenciada pelos sentidos humanos. Uma maneira de ver a relação entre o ambiente e as experiências, moldada pelos valores culturais. Espero que este diário visual, com seus rascunhos de ideias e fragmentos de vivências, permita ao leitor compreender as realidades das pessoas por meio das diferentes paisagens e memórias registradas ao longo dos nossos trabalhos, que percorreram a vastidão do litoral do Ceará. O objetivo é revelar aquilo que normalmente passa despercebido, mostrar o detalhe que, muitas das vezes, apenas quem esteve ali aprende a ver e sentir. Como no avanço do mar sobre as praias cearenses, onde o som das ondas ecoa na memória e, não raro, se propaga em sentimentos.

Antes da maré alta

Neste livro, a paisagem não é figurante nem pano de fundo. Ela é sujeito. Não é apenas um momento impresso num papel: é a protagonista de uma série de ações. Em sua narrativa, a obra passeia por sonhos, memórias, instabilidade, rupturas, confrontos, renascimentos, limites e esperança. Na simbiose da vida, a interdependência revela fragilidades e fortalezas. Homens, mulheres, areias, água, vento, resíduos e fragmentos não existem isoladamente. Eles se relacionam entre si.

Compreendê-los exige reconhecer suas múltiplas associações, seus conflitos e suas cooperações. Viver junto implica cuidar, não como moeda de troca, mas como responsabilidade compartilhada. Como se percebe ao longo destas páginas, toda ação provoca reação. Não apenas como princípio físico, mas como condição social.

Somos sociedade de areia, água e sal. Uma sociedade que se dissolve e se recompõe em paisagens vividas, construídas e transformadas a cada maré alta. Não nos interessa apenas o volume de areia mobilizado a cada ciclo. Interessa compreender que cada grão carrega memória, identidade e história sua, minha, nossa. A paisagem não é cenário, é processo.

Aprendemos a organizar a vida por linhas. Algumas materializadas, como as de um campo de futebol. Outras imaginárias, como a linha do horizonte. Vivemos entre o visível e o invisível, entre limites que demarcamos e fronteiras que a natureza ignora. Territórios mudam, migram, resistem. Pessoas sentem e pressentem o que se aproxima.

Maré alta procura registrar e dialogar com essa interseção de forças, não como uma grandeza vetorial capaz de retirar corpos da inércia, mas como movimento contínuo no tempo e no espaço. Movimento inscrito em grãos, madeiras, concreto, coqueiros, tijolos, palhas, redes e velas. Movimento que altera o físico e reconfigura o simbólico.

Talvez ajude dizer o que este livro não é. Não é um compêndio de definições encerradas em artigos científicos.

Não é um manual de respostas prontas. Mas pode ser um convite a viver a paisagem, a perceber que o cotidiano à beira-mar é feito de permanências e rupturas e de construção e desconstrução.

Aqui não começamos com certezas.
Começamos com a maré.

***Maré alta* é organizado em sete partes:**

PARTE I
NOSSAS PRAIAS

PARTE II
O MAR LEVA E TRAZ

PARTE III
MORADAS DE ÁGUAS E SAL

PARTE IV
CHEGUEI. SOU O MAR

PARTE V
Ô DE CASA

PARTE VI
PAISAGENS QUE AFLORAM

PARTE VII
SEM CONHECER OS PRÓPRIOS LIMITES



Praia da Caponga, Cascavel - CE

Nossas praias

O mar traz sonhos,
leva realidades,
e as ondas seguem batendo em portas.
Quem as abre?

PARTE I

Há erosão. Há risco. E há resiliência.

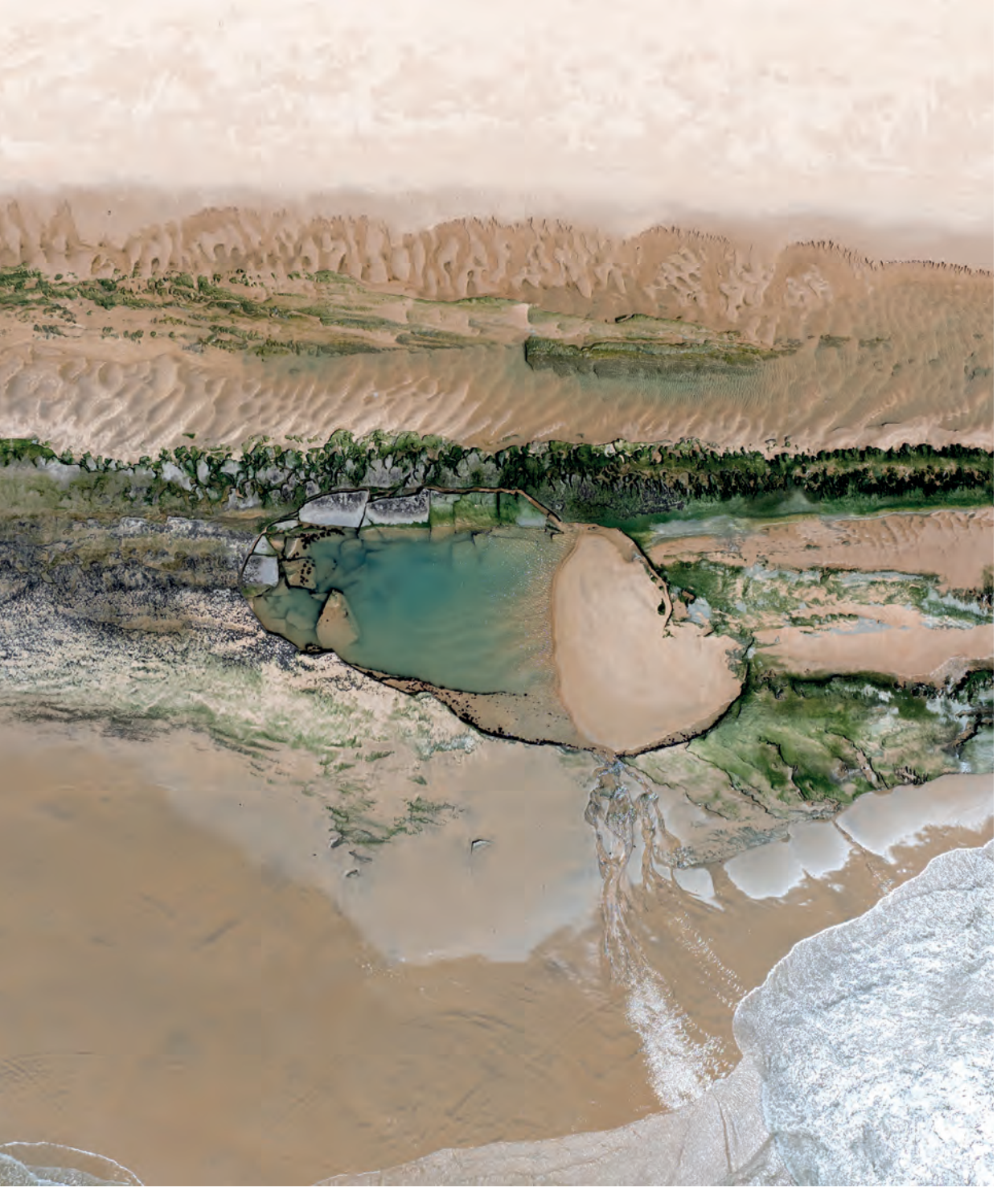
Quando, na descrição da Parte I, é afirmado que o mar traz sonhos e leva realidades, evoca-se poeticamente uma dinâmica concreta: o movimento contínuo das marés, com suas subidas e descidas ao longo do dia. Regidas pela força gravitacional da Lua e pela posição relativa entre Terra e Sol, essas oscilações influenciam o cotidiano das atividades pesqueiras, portuárias, esportivas e de lazer.

Ondas e marés, em seus momentos de maior intensidade, trazem inquietações àqueles que vivem à beira-mar — águas que avançam sobre ruas, que testam muros, que redesenham limites. O mar não pede licença, ele recorda que o território costeiro é, antes de tudo, transitório, estando em constante metamorfose.

Mas nem tudo é ameaça. A mesma dinâmica que desgasta também fertiliza. A vida floresce, reinventa-se, projeta novos caminhos, como uma cena que se refaz a cada ato. Assim é a imagem que abre esta parte do livro: uma muda que nasce de um coco aparentemente seco. No que parece resíduo, a natureza revela potência. No litoral, como no interior desse fruto, há sempre um recomeço em curso.



Praia da Barra do Cauípe, Caucaia - CE



Praia da Barra do Caulipe, Caucaia - CE

Camadas de tempo que se encontram
e, por instantes, se deixam contemplar.





Praia do Batoque, Aquiraz - CE

Camadas de tempo que se encontram
e, por uma vida,
se deixam respeitar.





Praia do Cumbuco, Caucaia - CE

Um laboratório natural da morfodinâmica praial. A paisagem física é esculpida em padrões ritmados. O vai e vem das ondas, combinado às oscilações das marés, desloca temporariamente a linha de costa e modela os sedimentos em formas onduladas, registrando, no alto da praia, uma batente de preamar, a memória do último pulso energético da maré alta. A cada ciclo, os sedimentos são erodidos, transportados e redistribuídos ao longo do perfil praial, desenhando novos padrões não lineares.





Praia do Barro Preto, Aquiraz - CE

Entre o visível e o invisível,
territórios mudam e migram.

A paisagem também trabalha.
Nesta cena, o litoral deixa de ser apenas forma geomorfológica e se torna expressão das relações de trabalho.

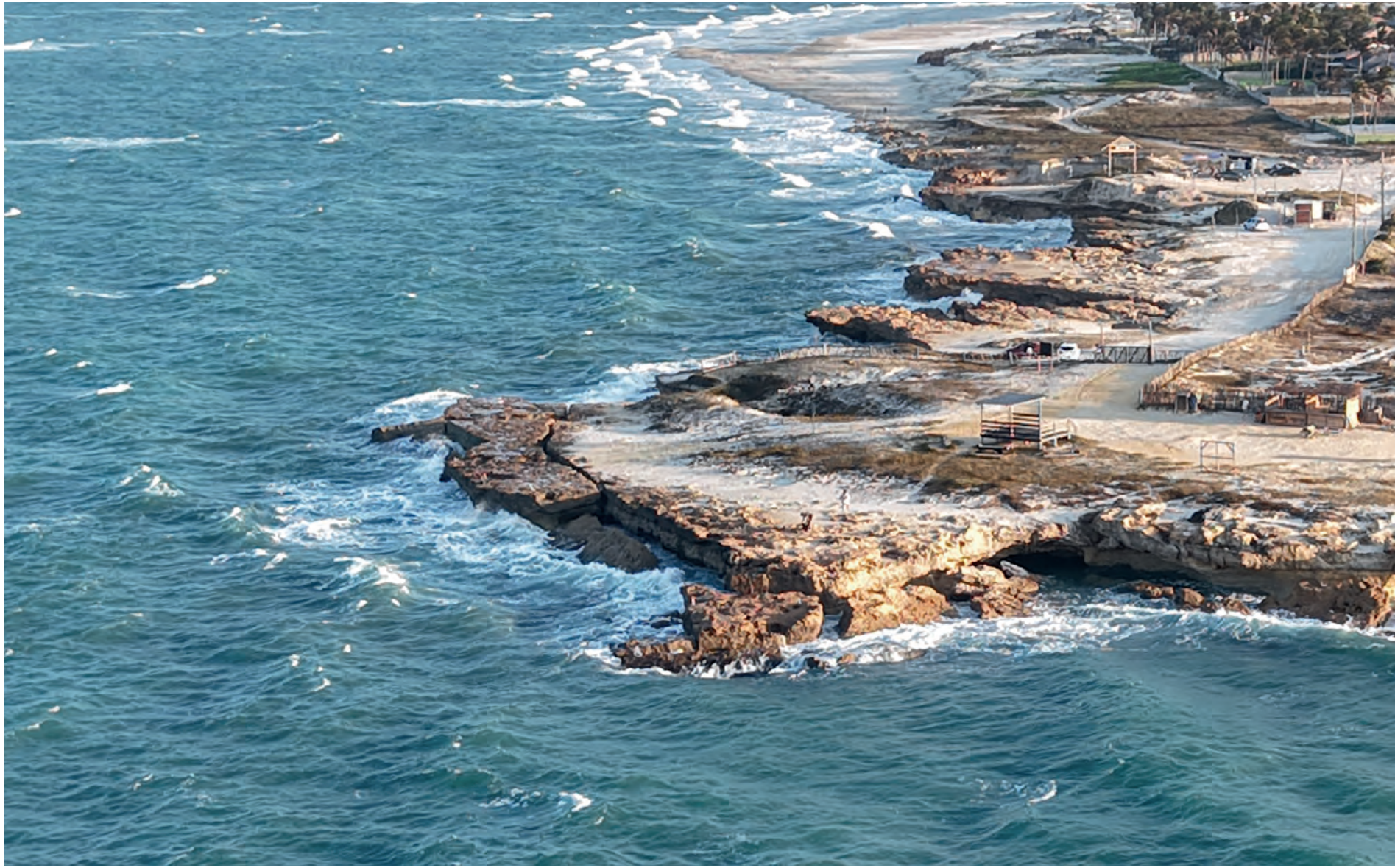


Praia do Futuro, Fortaleza – CE



Praia da Tabuba, Caucaia - CE

O espaço revela sua dimensão social e suas camadas menos visíveis: esforço, precariedade e desigualdade.





Praia do Moacir, Fortim - CE

Maré alta não se apressa,
mas também não para.

Maré alta.
Ondas que se movem ao vento.
Corpos que se deixam levar.
Sistema natural e vida cotidiana em
simples fusão de desejos.



Praia de Pontal de Maceió, Fortim - CE



Inúmeros estudos apresentam a praia como uma ação combinada de ondas, correntes e marés. Uma acumulação de sedimentos não consolidados, contígua a um corpo hídrico. Nessa abordagem, o foco são os elementos mais basilares. O que a ciência vê.

Para além desse conceito, a praia pode também ser vista como um conjunto de elementos orgânicos. Mais que paisagem arenosa: territórios tradicionais de convivência e troca, onde todos e todas deveriam partilhar direitos e deveres, como estabelece a nossa Constituição Federal.





Praia da Taíba, São Gonçalo do Amarante - CE

Nesse cenário, fomos acompanhados pela cadela Velma, que nos seguiu livre, confiante, olhando o horizonte sem temer a maldade humana. Ouviu os sons. Sentiu a brisa. Recebeu afeto. Mesma sorte não teve o cão Orelha, cuja vida foi interrompida de forma trágica em uma cidade do litoral brasileiro.

Esta é nossa singela homenagem. Porque toda forma de vida importa.



O mar leva e traz

Fragmentos de memória
que insistem em voltar
com o movimento das ondas,
numa dança eterna, sem parar.

PARTE II





Praia do Vila do Mar, Fortaleza - CE

O mar leva.
O mar traz.
E, às vezes, devolve.

Nelson Guillermo Rangel Buitrago, em *Plastics in Coastal and Marine Environments* (2025), alerta: o plástico nos ambientes costeiros e marinhos constitui uma crise global. Trata-se de uma das alterações antropogênicas mais difundidas e de crescimento mais acelerado nas zonas costeiras do planeta.

A ciência explica as correntes, as ondas, as marés e o espraiamento das águas sobre a praia. Mas o plástico não nasce do oceano. Ele flutua como testemunha. É rastro de consumo, fragmento de escolhas, síntese de um modelo de sociedade que produz mais do que reintegra. Nesse caso, o mar não é agente, é apenas o meio. E, em algum momento, devolve.

Praia do Barra Mar, São Gonçalo do Amarante – CE



Praia da Barra do Cauípe, Caucaia - CE

Interação entre sistemas.
O natural sustenta o artificial.
Uma cena que não deveria existir.
Paisagem em ruptura.



Praia de Majorlândia, Aracati - CE

Praia do Porto das Dunas, Aquiraz – CE

Praia da Barra do Caúípe, Caucaia – CE

A erosão expõe, sob as camadas de areia, a nossa desconexão.

Praia da Barra do Caulípe, Caucaia - CE







Praia de Quitérias, Icapuí - CE



Tombei. A maré, não.

Praia da Taíba, São Gonçalo do Amarante - CE

Praia da Barra do Cauípe, Caucaia - CE





Praia da Barra do Caúípe - CE

O vai e vem das marés.

Um constante desenhar e redesenhar da paisagem costeira. Cores, texturas e volumes em entrelaçamento contínuo.

A maré alta não se apressa, mas também não para. Algas, palhas, cocos, plásticos.

Texturas que registram o movimento. Na linha de deixa, orgânicos e sintéticos definem um limite natural, enquanto as nossas escolhas marcam o hoje e o amanhã.

Praia de Ponta Grossa, Icapuí - CE



Moradas de água e sal

Entre o literal e o figurado,
água e sal dissolvem planos,
relações, identidades e
pertencimentos.

PARTE III





Praia da Peroba, Icapuí - CE

O mar avança.
Não reconhece limites.
Não reconhece barreiras.
Não reconhece nomes.
Avança a cada ciclo.
A morada espera.



Praia do Balbino, Cascavel - CE



Praia da Caponga, Cascavel – CE





Praia do Iguape, Aquiraz - CE

A erosão não é apenas processo físico.
É conflito socioespacial.

A erosão não é pressa.
É processo. É movimento.



Praia da Peroba, Icapuí – CE





Prainha do Canto Verde, Beberibe - CE



Praia do Iguape, Aquiraz - CE

A erosão não escolhe lugar,
não escolhe lados,
não escolhe histórias.
Como uma profecia.





Praia da Peroba, Icapuí - CE

No limite.
O mar não para...
E nós?





Praia do Balbino, Cascavel - CE

Do viver entre o visível e o invisível, em territórios que mudam e migram, pessoas sentem e pressentem o que se aproxima, na paisagem que é matéria e essência.


1610061314

Cheguei. sou o mar

Quando o mar se aproxima de
mansinho e se encosta,
à vontade para se esparramar,
é hora de erguer as
barreiras que só o tempo dirá.

PARTE IV



Vista da Praia da Leste-Oeste em direção à Praia da Barra do Ceará, Fortaleza - CE





Praia da Caponga, Cascavel – CE

Cheguei. Sou o mar.
As ondas.
A maré alta.
Não sou opressor.
Tampouco consumidor.
Sou movimento.
Liberto praias.
Reorganizo territórios.
Às vezes, construtor.
Às vezes, organizador.
Concreto. Pedras. Madeiras. Tijolos.

Não sou limite.
Mas também não sou fim.
Cheguei não para invadir, mas para lembrar:
Barreiras, posso contornar; ciclos, preciso completar.

Espaço.
Território.
Lugar.
Do mais amplo ao vivido.





Praia da Tabuba, Caucaia - CE

Pedras.
Concreto.
Casas.
Coqueiros ao vento.
Mar.

Desenha-se uma fortaleza à beira-mar,
mas o mar não é inimigo.

É processo. É dinâmica. É movimento.
As obras não o detêm. Redirecionam fluxos.
Transferem energia. Deslocam problemas.
O que hoje protege, amanhã exige reforço.
O que hoje sustenta, adiante cede.



Praia da Tabuba, Caucaia - CE



Praia da Peroba, Icapuí – CE

“Buscando um novo rumo que faça sentido
nesse mundo louco
Com o coração partido,
eu tomo cuidado pra que os desequilibrados
não abalem minha fé
Pr’eu enfrentar com otimismo essa loucura”.

Pontes indestrutíveis, Charlie Brown Jr.



Praia de Picos, Icapuí - CE



Praia do Icaraí, Caucaia - CE

Tentativas humanas de fixar o móvel.
De conter o fluxo.
De dar forma ao que é movimento



Praia do Icaraí, Caucaia - CE





Praia do Icaraí, Caucaia - CE

Não se trata de vencer, nem de recuar,
mas de reconhecer que a costa é encontro
entre forças físicas, interesses sociais
e escolhas políticas.



Ô de casa

Sou o mar.
Não pergunto se posso entrar.
Não conheço limites,
nunca durmo,
sempre trabalho pra te lembrar:
quem te navega é o mar.

PARTE V

Ô de casa é dedicada à paisagem costeira da Praia da Peroba em Icapuí.

Não é no núcleo da erosão que assentamos nossos esforços de compreensão. É na luta daqueles e daquelas que estão na linha de frente do problema. A cada ciclo de maré alta, reerguem tijolos, pedras, madeira, sacos de areia. Resistem até onde é possível ao novo ciclo que se iniciará em poucas horas.

É com esperança, fé e persistência, pilares da resistência, que se trava uma luta inglória em termos de força, mas profundamente valorosa em espírito. Peroba é exemplo de que o problema da erosão costeira não se mede apenas em metros cúbicos.

A erosão é um processo natural que carece de compreensão holística.
Não há unidade métrica capaz de mensurar:

identidade, sentimento, pertencimento, memória, conhecimento histórico e social.

Para muitos, isso pode ser invisível, talvez sem valor. Mas, para os envolvidos, é uma conexão de experiências pessoais, de vivências individuais e coletivas.

Aqui o mar não leva apenas palmos de terra. Leva extensões não finitas de memórias, saberes e valores. Leva tradições. Leva formas sociais de comunicar e existir.

Peroba é território de resistência e de dinâmica social.

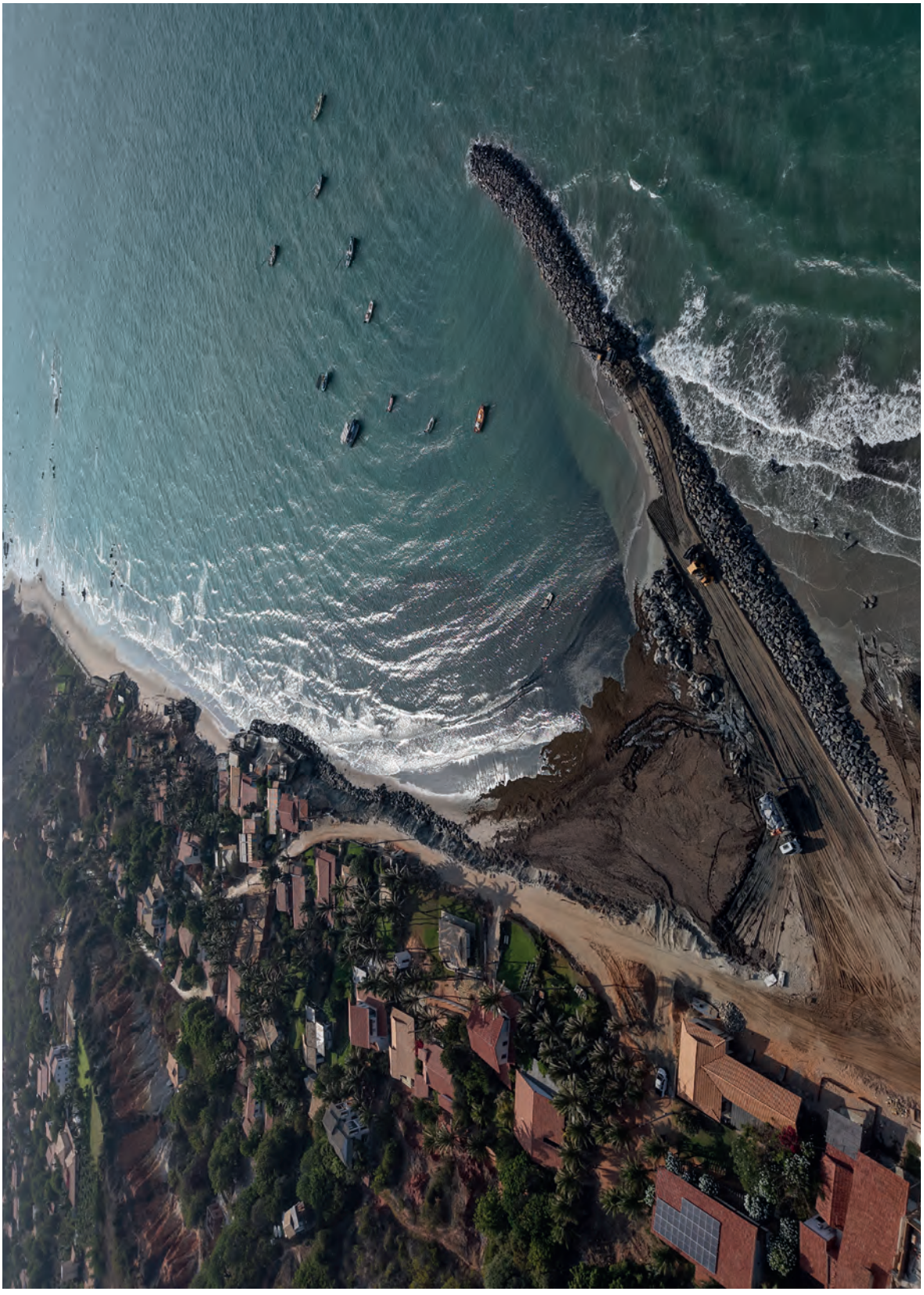
Aqui não cabem culpados ou culpadas. Isso o tempo mostrará. Aqui cabe um desabafo deste autor, que pouco conseguiu fazer para ajudar, mesmo com o conhecimento que dispõe, mas desprovido das ferramentas necessárias.

Ainda assim, se adianta algo, fica o meu imenso respeito por essa comunidade, que não é uma única estrela, mas uma constelação. Nossas praias não são paisagens estáticas. São espaços de cultura, trabalho, lazer e sustento.

Espaços tradicionais de vivência e troca, carregados de sonhos e inspirações. A praia carrega a livre expressão do respeito, onde o mar delimita seus próprios limites.

Que as próximas imagens não sejam vistas como ruínas, mas como testemunhos. Que o silêncio que segue não seja ausência,
mas escuta.

Ô de casa.



Praia da Peroba, Icapuí - CE

Praia da Peroba, Icapuí – CE

Praia da Peroba, Icapuí – CE



Praia da Peroba, Icapuí - CE

Praia da Peroba, Icapuí – CE



Praia da Peroba, Icapuí – CE

Praia da Peroba, Icapuí – CE



Praia da Peroba, Icapuí – CE



Praia da Peroba, Icapuí – CE

Paisagens que floram

vir à flor
vir à tona
vir à superfície
Paisagens que surgem e somem
como um bolero ritmado pelo mar,
com ecos que reverberam em
espaços sem lar.

PARTE VI



Praia do Balbino, Cascavel - CE

Dunas ao fundo.
Areias em primeiro plano.
Vestígios de um antigo mangue.
O mar.
Vistos do alto, não são fragmentos.
São continuidade. Um mosaico de cores,
texturas, movimentos, tempos sobrepostos.

Praia do Batoque, Aquiraz – CE



Praia do Balbino, Cascavel – CE



Praia da Peroba, Icapuí – CE







Praia de Barreira da Sereia, Icapuí - CE

Saberes ao mar.
Saberes do mar.
O que parece soterrado
não está perdido.
Está guardado entre grãos e marés.



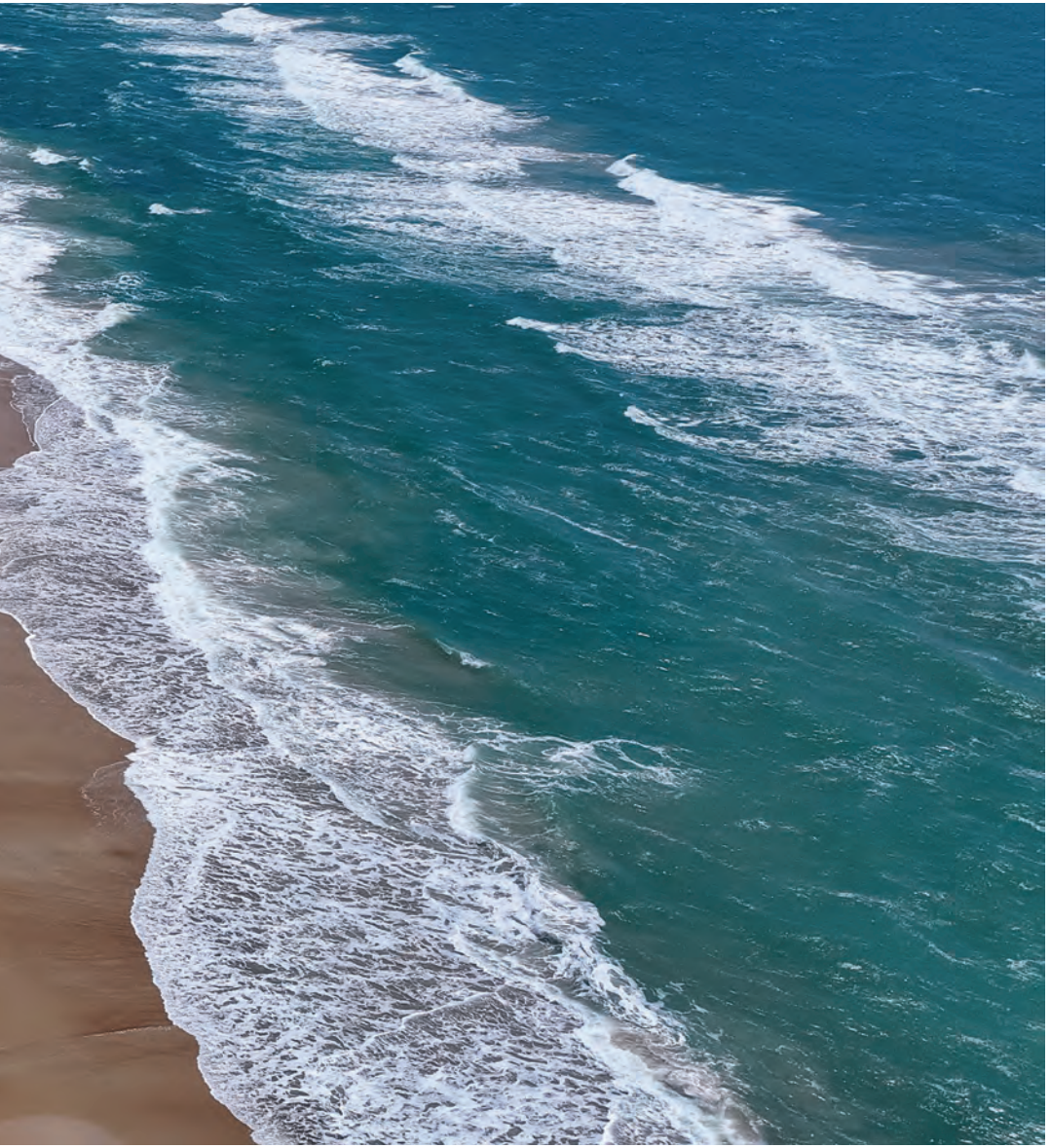
Praia do Iguape, Aquiraz – CE



Praia do Serviluz, Fortaleza - CE

Entre ferrugem, respingos de sal
e areia, sombra e vento,
a paisagem simbólica se compõe.
Natureza. Humanidade. Arte.
Nada aqui é acaso.





Praia da Sabiaguaba, Fortaleza - CE

Paisagens que afloram
não revelam apenas matéria:
revelam histórias sedimentadas.



Praia do Pirangi, Fortim – CE

Sem conhecer os próprios limites

O mar avança,
as paisagens se desfazem.
Pescadores, guiados por sonhos e ritos,
desafiam as ondas onde
rochas jazem.

PARTE VII



Praia do Serviluz, Fortaleza - CE

Esta é a última parte do livro, mas não menos importante. É dedicada aos pescadores e pescadoras que não recuam diante da maré alta, não por ausência de medo, mas por conhecimento.

Não enfrentam o mar.
Trabalham com ele.

Entre ritos e dinâmicas,
entre fé e técnica,
lançam suas redes
não apenas por sustento,
mas por pertencimento.

Homens e mulheres que diariamente desbravam nossos verdes mares em busca do que no horizonte se anuncia. Por vezes invisibilizados. Por outras, subestimados.

Mas talvez nos falte sabedoria para reconhecê-los como heróis e heroínas de histórias não escritas, mas profundamente vividas.

São parte indissociável da paisagem
Aprenderam a ler:
os ventos, as marés,
as ondas, as correntes,
as estrelas, o sol.
Saberes e sabedorias que atravessam gerações, armazenados na memória da vida.

Que não se percam
nos ruídos do tempo.

Pois quando partem para o mar,
não enfrentam, dialogam.

Uma poesia escrita em analogias,
em um horizonte
que é também
lugar de esperança.



Praia da Tabuba, Caucaia - CE





Praia da Tabuba, Caucaia - CE















Praia do Batoque, Aquiraz – CE



Praia da Caponga, Cascavel - CE



Praia de Requenguela, Icapuí - CE

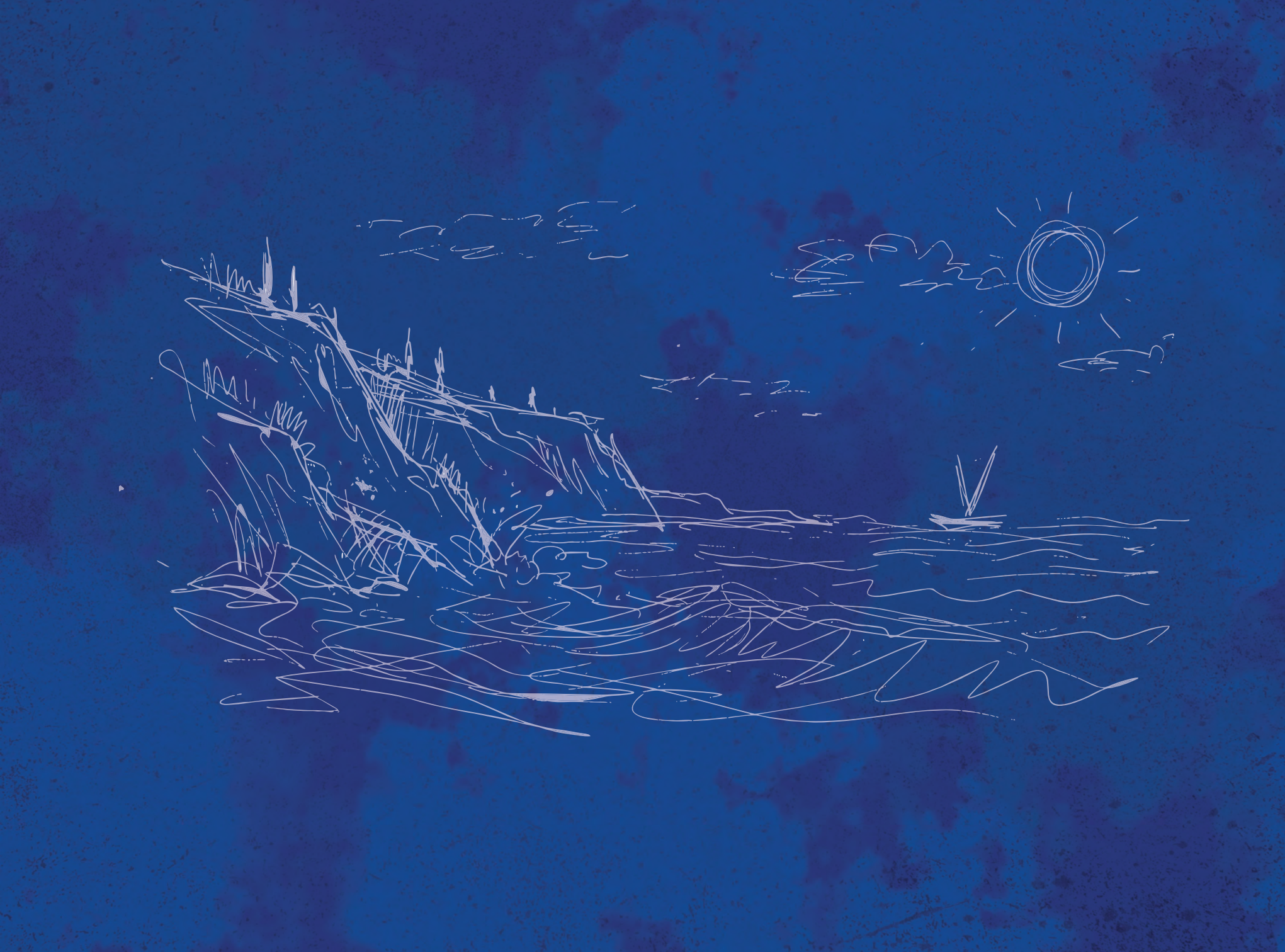


Praia do Ariós, Beberibe - CE



Praia da Vila Nova, Icapuí – CE

Praia do Ariós, Beberibe - CE



Para aqueles e aquelas que nos acompanharam neste mar de pixels, meu sincero agradecimento.

Maré alta reuniu camadas de territórios,
memórias e ciências, organizadas em
paisagens que se transformam
ao ecoar de um novo dia,
no ciclo sempre renovado
da maré alta.

Mas não acabou.



Praia do Batoque, Aquiraz - CE

E para você o que significa a maré alta?

Gratidão

Talvez esta seja a parte mais difícil. São tantos e tantas. Sou fruto de uma construção coletiva, de saberes não formais, de amizades sinceras, de companheirismos que não cabem em palavras. É nessa imensidão do todo que me reconheço. Em meio a esse percurso, minha esposa, Josiany, e minha filha, Lalá, são a prova de que a compreensão é um dos pilares do acolhimento e da segurança. Compartilhar o tempo da família com o tempo da pesquisa é um gesto profundo de empatia e humanidade.

Maré alta: paisagens, pessoas, memórias nasce também desse pacto silencioso de partilha. Ele reúne partes de mim, de você e de nós. É resultado de uma construção contínua, alicerçada em exemplos reais, como os professores Jáder Onofre de Morais e João Alveirinho Dias, aqui representando todos os que dedicaram seu tempo ao ensinar. Não sou meio, sou resultante. Sou também fruto de políticas públicas de incentivo à ciência e à educação, que permitiram que tantas trajetórias se consolidassem. Por isso, registro meu agradecimento à Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP), ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que, por meio de financiamentos de projetos e de bolsas, tornaram possíveis muitas das pesquisas que aqui se materializam, não apenas em fotografias, mas em conhecimento, vivências e memórias.

À parceria com a Secretaria do Meio Ambiente e Mudança do Clima (SEMA), na pessoa da Secretária Vilma

Freire e ao Projeto Cientista-Chefe de Meio Ambiente, na pessoa do Professor Luís Ernesto Arruda Bezerra, agradeço a oportunidade de registrar este trabalho e a confiança depositada nos pesquisadores cearenses.

À Universidade Estadual do Ceará (UECE), na pessoa do Reitor Hidelbrando Soares, meu agradecimento pelo apoio constante ao ensino, à extensão e à pesquisa. Ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da UECE (PROPGEO), pela liberdade intelectual e pelo espaço de construção acadêmica sem amarras ou reducionismos teóricos.

Estendo a minha gratidão a todos os membros do Laboratório de Geologia e Geomorfologia Costeira e Oceânica da UECE, mais que um espaço físico, um lugar e um lar, minha gratidão. Ali, a ciência ajudou a tecer redes de oportunidades. Sou resultado desse ecossistema de irmandade, amizade, respeito, dedicação e conhecimento. À mestranda Weslyane Braga, ao doutorando Yan Vasconcelos e à amiga Daysiane Brandão, agradeço pela valiosa colaboração na produção e seleção das fotografias.

Ao fotógrafo Andrey Gomes Sindeaux, meus sinceros agradecimentos pela gentileza, dedicação e afeto com a proposta aqui apresentada. O seu olhar artístico foi fundamental para traduzir as ideias em imagens. Gratidão pela parceria e colaboração na realização deste sonho. Agradeço ainda aos inúmeros parceiros e parceiras que, direta ou indiretamente, atravessaram essa caminhada. Moradores locais, pescadores, comerciantes, gestores, servidores públicos, pesquisadores, bolsistas, amigos — pessoas e memórias bordadas nas paisagens e registradas no tempo.

Inspirações

AB'SABER, Aziz Nacib. A natureza, a sociedade e a paisagem. Revista de Cultura e Extensão USP, São Paulo, n. 7, p. 21–23, 2012. Disponível em: https://doi.org/10.11606/issn.2316-9060.v7i0p21-23. Acesso em: 14 fev. 2026.

CORRÊA, Roberto Lobato. Denis Cosgrove: a paisagem e as imagens. Espaço e Cultura, Rio de Janeiro, n. 29, p. 7–21, 2011.

CÂMARA MUNICIPAL DE TAVIRA. Santa Luzia, o polvo ordena. ACD Print, S.A., Portugal, 2021.

COSGROVE, Denis. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.). Geografia cultural: uma antologia. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.

COSTA, Otávio José Lemos. A paisagem vernacular em "O Sertanejo". Revista da ANPEGE, v. 16, n. 31, p. 320–331, 2021. Disponível em: https://doi.org/10.5418/ra2020.v16i31.12388. Acesso em: 14 fev. 2026.

DIAS, João Manuel Alveirinho. Evolução da zona costeira portuguesa: forçamentos antrópicos e naturais. Tourism & Management Studies, Faro, p. 7–27, 2005.

PIRES, Marina. A boa foto conta uma história, diz Sebastião Salgado. Casa Cor, 23 maio 2025. Disponível em: https://casacor.abril.com.br/pt-BR/noticias/arte/uma-boa-fotografia-conta-uma-historia-sebastiao-salgado. Acesso em: 14 fev. 2026.

RANGEL-BUITRAGO, Nelson Guilhermo. Chapter 1 - Plastics: the paradox of convenience and crisis. In: RANGEL-BUITRAGO, Nelson Guilhermo (ed.). Plastics in Coastal and Marine Environments. Elsevier, 2026. p. 1-23. Disponível em: https://doi.org/10.1016/B978-0-443-13559-0.00013-3. Acesso em: 14 fev. 2026.

SALGADO, Salgado.; IOKIO, Zilda Marcia Gricoli. Deslocamentos populacionais e novas formas de solidariedade. São Paulo: BEĨ Comunicação, 2000. 97 p.

SAUER, Carl Ortwin. A morfologia da paisagem. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). Paisagem, tempo e cultura. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. (Publicado originalmente em 1925).

TUAN, Yi-Fu. Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: DIFEL, 1980. (Edição original: Topophilia: a study of environmental perception, attitudes, and values. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1974).

TUAN, Yi-Fu. Espaço e lugar: a perspectiva da experiência. Tradução de Lívia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.

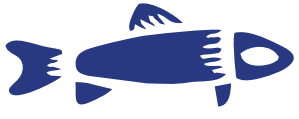
TUAN, Yi-Fu. Lugar: uma perspectiva experiencial. Geograficidade, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 4–15, 2018. Disponível em: https://periodicos.uff.br/geograficidade/article/view/27150/pdf. Acesso em: 15 set. 2022.



MARÉ
ALTA







Até breve

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Paula, Davis Pereira de
Maré alta [livro eletrônico] : paisagens, pessoas, memórias / Davis Pereira de Paula ; [fotografias Andrey Gomes Sindeaux]. -- Fortaleza, CE : Editora da UECE, 2026.
PDF

ISBN 978-65-83910-93-6

1. Fotografias 2. Litoral - Proteção 3. Paisagens 4. Praias - Brasil - Fotografias I. Sindeaux, Andrey Gomes II. Título.

26-353825.2 CDD-779.9

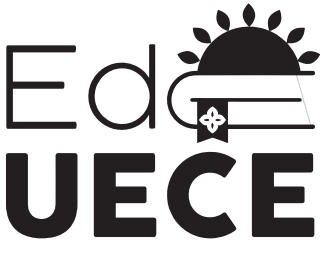
Índices para catálogo sistemático:

1. Fotografias 779.9

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

DOI: https://doi.org/10.52521/978-65-83910-93-6

Apoio:

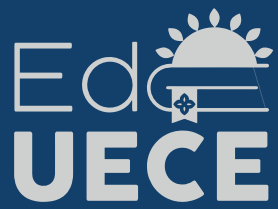

Ed
UECE


LGCO
Laboratório de Geologia e
Geomorfologia Costeira e Oceânica


LUMEN AD VIAM
PROPGEO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM GEOGRAFIA


UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ
LUMEN AD VIAM
UECE


LGCO
Laboratório de Geologia e
Geomorfologia Costeira e Oceânica


Ed
UECE


UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ
LUMEN AD VIAM
UECE